

Maktub: a ocultação do feminino em *Lavoura Arcaica*

Pesquisadora: Maria Petrucci Sperb
Orientador: Antonio Barros de Brito Júnior

Introdução

Nesta fase inicial do projeto de pesquisa, pretendo formular as premissas básicas para um estudo do funcionamento, invariavelmente intrínseco à esfera do discurso, da ocultação do feminino em *Lavoura Arcaica*, livro de estreia de Raduan Nassar, de 1975. Narrada em primeira pessoa por André, o filho pródigo, a história revela suas memórias, seus pensamentos e suas angústias em relação à violência opressora de uma família patriarcal. Tal lembrança ocorre a partir do reencontro do protagonista com seu irmão Pedro, o primogênito, cuja tarefa é justamente trazer a ovelha desgarrada de volta ao seio familiar. De ritmo confessional (no sentido religioso do termo), a prosa se insere no signo da poesia, constituindo-se a partir da existência performática (ZUMTHOR, Introdução à poesia oral, 1983) e, conseqüentemente, aproximando-se da dimensão do ritual; é essa linguagem lírica à primeira vista invejável do narrador que relata, numa constante mescla de expressões metafóricas rarefeitas a dados informativos triviais, a evocação do incesto entre ele e sua irmã Ana, que se fecha em seu silêncio e ocasiona a fuga de André. Aliás, uma vez que a estetização da violência é uma constante no livro – e atos agressivos como, por exemplo, a prática da zoofilia e mesmo o abuso de André para com o caçula Lula, são suavizados e maquiados em poesia –, não é absurdo pensar uma chave interpretativa em que essa relação incestuosa é, em verdade, fruto de um estupro, dissimulado e encoberto pela palavra sedutora do narrador. A narrativa termina com o retorno do protagonista ao lar e, finalmente, com o desmoronamento da instituição familiar, provocado pela resignificação do que costumava ser uma prática ritualística costumeira: a dança dionisíaca de Ana. Elementos ideológicos variados perpassam a trama, desde o bíblico-alegórico (seja pela semelhança do fluxo narrativo atemporal aos relatos do Velho T estamento, seja pela analogia entre Ana e Eva, ambas fontes do desejo, do pecado, da transgressão e da fome), passando pelo arcaico como retórica do patriarcado, através do culto à tradição e das referências constantes aos costumes árcades médio-orientais de uma herança secular, chegando até o psicanalítico, evidentemente ligado ao eros incestuoso, ao complexo edipiano, ao Nome-do-Pai, etc. O que interessa aqui, entretanto, é, sempre tendo em vista a ambientação do romance de Nassar, entender o funcionamento do hegemônico modelo discursivo de inteligibilidade de gênero que Judith Butler chama de matriz heterossexual e o porquê de a manutenção do apagamento do feminino ser essencial para a preservação dessa lógica masculinista, patriarcal e binária, que rege não só a organização da esfera familiar da *Lavoura Arcaica*, mas a nossa própria estrutura social.

A matriz heterossexual

A história das origens é uma estratégia narrativa que, ao elaborar uma única e autoritária descrição de um passado irre recuperável, faz da constituição da Lei algo historicamente inevitável. *Maktub* é justamente isso: a parábola do avô, que, dispensando a tarefa didática dos sermões, bastava-se pela justificativa de que “está escrito”. A apropriação lacaniana de Lévi-Strauss, que havia estabelecido um princípio universal, o da troca de mulheres, como característico de todos os parentescos faz da exogamia uma regra do Simbólico, a estrutura universal de linguagem e de significação que determina o que é ou não inteligível em relação a papéis sociais. O tabu do incesto gera uma exogamia que, apesar de primar por uma relação homosocial entre homens, é efetuada através do movimento heterossexual de distribuição de mulheres. Assim, de maneira pré-ontológica e em função da proibição do incesto, distinguem-se os *loci* masculino e feminino, designando-se, ao primeiro, a condição de *ter* o falo, de significar; ao segundo, a de *ser* o falo, de representar a significância, de legitimar o sujeito masculino sendo tudo que ele não é. Entretanto, uma vez que a operação dialética de formação das identidades (a falsa reciprocidade constitutiva entre ter e ser) é, em verdade, estabelecida pelo próprio Simbólico, fica claro que ambas são fracassos, impossibilidades que só servem à obediência moral da Lei.

Por um lado, *ter* o falo não equivale a personificá-lo, a simbolizar a própria Lei, apenas aparenta fazê-lo; por outro, *ser* o falo se resume a servir aos interesses da Lei, contentar-se em ser o reflexo e a reprodução da posição e do desejo do que não se é, num processo que não por acaso é denominado *masquerade*. Se Lacan ele mesmo compreende a impossibilidade de uma origem pré-discursiva, e se o Simbólico garante o fracasso das normas que apresenta como pré-ontológicas, é possível extrair de tal contradição que, em primeiro lugar, a Lei gera as mesmas práticas que proíbe e, em segundo, que não possui nenhum propósito a não ser a obediência e a negação desse mecanismo, ocultado pela imposição de uma suposta verdade anterior ao próprio Simbólico! É da crítica à pretensão universalista da Lei patriarcal que Judith Butler, valendo-se do poder jurídico de Foucault e do contrato heterossexual de Wittig, cunha o conceito *matriz heterossexual*: um discurso hegemônico de normatização dos corpos enquanto dados biológicos e necessariamente binários, a qual é enraizada e repetida compulsoriamente pelo maquinário cultural que nos produz.

Pretensões futuras

Falar em Judith Butler significa falar em performance - talvez mais do que em ocultação. Assim sendo, não surpreende que o centro de qualquer possível conclusão para este estudo seja impreterivelmente o episódio da dança dionisíaca de Ana, em que a figura incorpórea do pai deixa de ser transcendente e, conseqüentemente, a instituição familiar desmorona de vez. Como toda linguagem poética, o movimento de Ana é performático; é móvel, é ritualístico, é imbuído de resignificação no instante em que atua. Há algo de extremamente subversivo nessa passagem, e é possível prever que o objetivo final dessa pesquisa seja, a partir da leitura de algumas obras fundamentais, como *O clamor de Antígona*, *Quadros de Guerra*, *Totem e Tabu*, a descoberta de uma análise que lhe seja apropriada. A consciência de que a manutenção da matriz heterossexual e binária, ao asseverar o corpo como dado natural, mantém um poder controlador pautado na heterossexualidade compulsória evidencia uma opressão milenar; opressão que se vale de uma diferença sexual somente baseada no regime biológico para fazer do feminino o *locus* da apropriação, da reprodução, da resignação. Daí a necessidade de também operar com o conceito de ocultação, que se aproxima da abordagem feminista de autoras como Simone de Beauvoir ou Luce Irigaray: a falta de voz da personagem principal de *Lavoura Arcaica* evoca essa estrutura discursiva masculinista que designa o lugar do feminino como objeto, como carne, como servidão. A ambigüidade da estruturação que formula as identidades como binárias pode tanto apontar para uma existência performática, em que toda ontologia de gênero se estrutura sobre de um jogo de aparências, quanto para um silenciamento do feminino, apagado em função do estrago que o não-reconhecimento da posição do sujeito masculino como distintiva faria à economia falocêntrica. A investigação responderá, espero; por enquanto, a consequência fortuita de ter Judith Butler como prisma de referência teórica é que ela mesma promove a leitura e a discussão desses projetos de feminismo, assim como o faz em relação a Freud, Lacan, Foucault e tantos outros imprescindíveis para o trabalho. A economia discursiva do luto após o que parece ser a morte de Ana - a falta de pranto e mesmo de explicação acerca do destino da personagem que subverte a parábola do pai - pode relacionar-se com a noção butleriana do corpo abjeto, da vida que é real, no sentido lacaniano do termo, mas precária; *ungrievable*, ou seja, que não é passível de lamento. Ao mesmo tempo, pode ser prova cabal do poder da vulnerabilidade feminina quando liberta - vulnerabilidade no sentido *queer* de aparecer, mostrar-se, evidenciar-se; tanto que o narrador é imediatamente impelido pela necessidade de incorporar o pai para manter viva a Lei e restaurar o funcionamento da matriz.

Referências Bibliográficas:

ALÓS, Anselmo Peres. *Epistemologia como política do conhecimento: pressupostos para a construção de uma poética queer*. In *A letra, o corpo e o desejo: masculinidade subversivas no romance latino-americano*. Editora Mulheres: Santa Catarina, 2013.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: Feinism and the Subversion of Identity*. Ruthlege Classics: 1990.

RADUAN, Nassar. *Lavoura Arcaica*. Companhia das Letras: São Paulo, 1975.